

O COMPARTILHAMENTO DO CUIDADO DO FILHO(A) ENTRE PAIS E MÃES ADOLESCENTES

GABRIELA DEL MESTRE MARTINS¹
VERA LÚCIA DE OLIVEIRA GOMES²

INTRODUÇÃO

No Brasil, há cerca de 35 milhões de jovens com idade entre 10 e 19 anos, sendo 50,4% do sexo masculino e 49,6% do feminino. Estudos evidenciam o aumento da taxa de fecundidade nessa população, enquanto a média de filhos das mulheres em geral caiu de 6,2 em 1940 para 2,3 em 2000, entre as adolescentes, nos últimos 20 anos houve um aumento de 26% (BRASIL, 2006). A gravidez na adolescência tem sido um tema polêmico e controverso. Em geral, considerada como situação de risco constitui um elemento que além de desestruturador é determinante na reprodução do ciclo de pobreza, por impedir a continuidade dos estudos e o acesso ao mercado de trabalho, sobretudo entre “as moças”. É útil lembrar, que por trás de cada nascimento há uma história, há o trinômio pai, mãe e filho(a). Cada casal, envolvido ou não, no processo de cuidar, é, ou pelo menos foi protagonista de uma etapa da história. No que se refere ao cuidado do bebê, historicamente observa-se uma diferenciação nas atribuições da mãe e do pai. Desde cedo, as meninas exercitam o cuidado por meio da brincadeira, ao simularem a alimentação, banho e o ninar de bonecas (GOMES 2006). Outro aspecto relevante é a recriminação social às mães que abandonam filhos e aceitação do desamparo paterno, além da exigência da presença materna em reuniões escolares e a naturalização da ausência do pai. Tais distinções se reproduzem por meio da divisão sexual do trabalho, cabendo à mulher o cuidado dos filhos, marido e todas as atividades por vezes invisíveis realizadas no ambiente privado e ao homem aquelas importantes do espaço público. Considerando-se que o período da adolescência não é propício a tais responsabilidades, realizou-se este estudo com os objetivos de compreender como adolescentes percebem e vivenciam o processo de cuidar bebês e conhecer a forma como dividem os cuidados de seus filhos.

¹ Bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Enfermagem, acadêmica do 4º semestre do Curso de graduação em Enfermagem da FURG.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Curso de Graduação em Enfermagem da FURG.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa. Os dados foram colhidos por meio de entrevistas semi estruturadas, realizadas com mães adolescentes, atendidas em três Unidades Básicas de Saúde no Rio Grande, cujos filhos(as) tivessem de quatro à nove meses.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A idade das 16 informantes oscilou entre 15 e 20 anos. Antes da gravidez, dez estudavam, duas trabalhavam e quatro eram desocupadas. Após o nascimento apenas duas continuaram estudando, as demais pararam de estudar e de trabalhar. A idade dos pais oscilou entre 16 e 32 anos. Dos treze que trabalhavam, três estão “desempregados”. Percebe-se nesse termo a transitoriedade da situação, diferente da conotação de encerramento das atividades femininas. Nenhuma mãe vinculou o desemprego paterno com o nascimento do bebê. Inqueridas acerca do que é necessário para que o bebê seja bem cuidado, a maioria usou termos abstratos como responsabilidade, atenção, amor, carinho, presença e ajuda. Houve ainda as que se limitaram a exemplificar com aspectos físicos referindo higiene, boa alimentação, não pegar frio e levar ao médico. Algumas, de forma inespecífica dizem “tudo”, demonstrando pouca clareza sobre o que envolve o processo de cuidar bebês (KONIG, FONSECA e GOMES, 2008). Enfocando especificamente a divisão de atribuições, dez das mães referem que o pai auxilia no cuidado da criança, porém, coube à mãe levar ao pediatra, ao teste do pezinho e vacinação. Analisando objetivamente, quem, realizou cuidados nos dois últimos dias verificou-se que um pai deu banho, um trocou fraldas, um fez o bebê dormir e dois acordaram à noite para acalmá-lo. As demais ações, quando realizadas pelos pais, tiveram ajuda materna ou de outros familiares. Assim, mesmo que à custa do abandono de estudo e do trabalho, às mães coube, o culturalmente reconhecido como “obrigação da mãe”, que fica agradecida quando o pai dá uma “forcinha”.

CONCLUSÃO

Acredita-se que divulgar, entre adolescentes de ambos os sexos, os resultados deste estudo possa contribuir para uma divisão de responsabilidades mais equitativa e ainda para uma reflexão acerca das responsabilidades advindas da maternidade e da paternidade.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência. Adolescente. Saúde do adolescente. Identidade de gênero. Cuidado da criança.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens.** Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2006.

GOMES. V.L.O. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas. **Rev. Texto & Contexto Enfermagem.** Florianópolis 2006 jan-mar; 15 (1): 35-42.

KONIG, Adriana Bessler, FONSECA, Adriana Dora, GOMES, Vera Lúcia de Oliveira Gomes. Representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe”.**REE.** 2008;10(2):405-413.